

Materna Doçura

POSSIDÓNIO CACHAPA

PREÂMBULO

Apanhou-nos a todos de surpresa. A começar por mim, que, quando terminei este romance, me coloquei a pergunta: “Que objecto é este? Que história foi esta que me saiu?” Os críticos e os leitores interrogaram-se da mesma maneira. Mas muitos gostaram, felizmente. Várias edições depois, *Materna Doçura* continua a descobrir caminhos e a ser descoberto por novos leitores. Traduzido em várias línguas, anda pelo mundo, livre, a fazer o que lhe apetece, tal como no dia em que foi escrito.

Escrevi-o para responder à pergunta que vi, um dia, nos olhos de um querido amigo: “O que é o amor maternal?” Que coisa é esta que liga dois seres desde que um deles nasce até que ambos desaparecem? Todos os outros afectos podem succumbir, menos este. Os amantes desaparecem, os amigos transformam-se em desconhecidos, os primos engordam e já não se lembram de que um dia subimos com eles um monte com a emoção de quem escala uma montanha. Mas entre mãe e filho, ou entre pai e filha ou filho, o amor não deixa nunca de existir? Porquê? Encontrei algumas respostas enquanto seguia Sacha, o Rapaz-Com-Um-Buraco-No-Peito. Algumas, apenas. Porque, como sempre acontece, há mais do que uma perspectiva para cada pergunta.

Este romance foi escrito com a liberdade de quem, nesses dias, não estava preso a um país, a uma moral nacional ou à norma convencional da linguagem. É também fruto das circunstâncias. Mas, parafraseando Ortega, um livro é como o resto da humanidade, a coisa em si e a sua circunstância.

Agora que o revisito, gostava que *Materna Doçura* chegasse às novas gerações, nascidas ao mesmo tempo que ele, leitores que também são filhas e filhos, mas que acreditam que aquilo que nos é dado como certo e obrigatório... pode e deve ser desafiado. É assim que sempre escrevi, ou se calhar, por isso mesmo.

Por último, foi escrito à maneira dos livros que mais gosto de ler: que têm mais lá dentro do que a história em si. Os livros são também a sua forma, o humor, o drama, a emoção ou as personagens que nunca mais nos largam. Livros onde possamos reconhecer os rostos dos nossos pais, filhos e, claro, dos malandros (no bom sentido) que vamos encontrando, na nossa passagem pelo mundo.

POSSIDÓNIO CACHAPA

Fevereiro de 2019

A todos os que me ajudaram:

ao Miguel L., que me inspirou,
à tia G., que esteve sempre do meu lado
durante o processo de escrita, e àqueles
que têm levado a história de Sacha pelo
mundo afora ao longo dos anos.

Ao meu primeiro editor,
Hermínio Monteiro, que recebeu e acarinhou
o romance de um desconhecido.

PRIMEIRA PARTE

AS MÚLTIPLAS CARAS DO VENTRE

A MÃE É UMA DOCE PRISÃO

Sacha G. não chegou a rei da pornografia aos vinte anos, como se costuma dizer. Pelo contrário: tinha mais de trinta, um casamento arruinado e muitas dívidas, quando teve a ideia de se dedicar à Pornografia Maternal. Nunca se soube ao certo quem inventou esta designação. Mas, fosse lá quem fosse, ele nunca lhe deu grande importância. Nesses tempos, estava longe de considerar o sexo como verdadeiramente interessante. Daí que a palavra «pornografia» não fizesse parte do seu vocabulário. Sentia, contudo, pela expressão «maternal» um certo carinho.

Logo, quando lhe apareceu esta ideia de filmar homens a rodar, nus, à volta do corpo lânguido e acolhedor das mães, não viu nisso nada de estranho. Afinal, fora o que ele fizera nos trinta anos da sua existência: girar à volta do seio materno. Pareceu-lhe ser apenas a consagração do mais interdito dos interditos ou, se preferirem, a mais natural das coisas proibidas.

Diz-se que o que mais chocou as pessoas foram as imagens dos rapazes impúberes deitados sobre o ventre de mulheres grávidas e doces. Mas não eram todos rapazes: a maioria já navegava pela idade adulta havia muito tempo. O que eles eram, era todos filhos.

Consta que os espectadores choravam ao ver os filmes. A curiosidade lúbrica que os levava, às escondidas, ao cinema transformava-se num pranto antigo e inexplicável. À noite, os homens adormeciam encolhidos, em posição fetal, enquanto as mulheres os amparavam no seu seio, embalados numa música infantil que cada um deles imaginava diferente.

– Dois anos de prisão – declarou o juiz, que nunca tinha visto nenhuma das provas de acusação. Bem lhe bastava ter lido o auto, diligentemente redigido pelo promotor. «Homens a fornicar com as mães...» Onde é que já se viu uma perversão tão indizível?! «Crianças a esfregarem-se em mulheres nuas...» Claramente, um caso de «Atentado ao Pudor»... e (Pior! Muito pior!) «Incitação ao Deboche».

Decretou-lhe dois anos, e tinha-lhe pregado com dez se não fosse o telefonema abonatório que recebeu na véspera da sentença. O Senhor Presidente ligara-lhe (o próprio, que até lhe pareceu mentira, quando a secretária o anunciou à sua secretária, que lho anunciou), a pedir que tivesse a mão leve. O homem devia ter um problema qualquer, mas que, ao que lhe tinham dito, as cassetes (nessa altura, já cassetes – faça-se aqui um parênteses para nos indignarmos, como o juiz se indignou, com a proliferação de certas invenções, como o videogravador e os filmes em cassette, ou outras coisas que estão para vir e que escapam ao C.O.N.T.R.O.L.O) não eram realmente perversas. Impudicas e descaradas, sim. Mas perversas parecia que não seriam...

– Mas, Excelência – ainda argumentou o juiz –, mulheres grávidas... nuas.

O outro cortou, seco, antes de desligar.

– Não me diga que enquanto a sua mulher esteve grávida você esteve em jejum!... Dê-lhe, no máximo, dois anos. Reduzidos, se tiver bom comportamento.

E, como acontece em todos os países democráticos, a ordem foi cumprida e os dois anos atribuídos.

Sacha entrou na Cadeia do Linhoso debaixo de um mal-entendido que lhe ia custando caro. Zé Rapa, que em tempos tinha sido dono de uma retosaria, detinha a melhor rede de informações do exterior e espalhou a notícia de que ia entrar um «cabrão que abusava de crianças». Os pais condoídos, que alguns eram, e a falta de distrações dos outros fizeram que lhe preparassem uma «recepção».

Duas horas depois de ter entrado na sua cela, Sacha, deitado de costas, olhava o tecto, procurando analisar os seus sentimentos. Acabara de descobrir que não sentia nada de especial, que se tratava de mais uma etapa do seu percurso, quando os outros entraram. As roupas prisionais faziam-lhe comichão, mas, quando já se viveu no fundo de um respiradouro, com gente a falar francês por cima, só se pode sentir isto como um luxo.

Eram cinco da tarde quando os homens chegaram. Sacha sentou-se na cama, ligeiramente apreensivo com aquela visita. Obviamente, não lhe vinham trazer o chá. À frente, o Grunhe-à-Porco, latagão de quase dois metros e que ocupava mais espaço do que o que lhe competia. No meio, o Lesma (que veio a revelar-se um grande amigo, embora seja ainda prematuro falar disso, para mais num momento de tensão como este...) e mais dois que saíram nos meses que se seguiram e de quem Sacha nunca soube o nome. Atrás, a fechar o cortejo, o Zé Rapa,

de expressão justiceira na cara, empurrando os outros para a frente.

– A gente aqui não gosta de filhos da puta que comem meninos – grunhiu o Grunhe e deu um passo.

Sacha recuou na cama.

– A gente come os filhos da puta que atacam *crianças*.

Sacha ia argumentar que era a segunda vez que ele dizia «filhos da puta» e que a redundância era um erro lamentável, quando ouviu um dos outros dizer:

– Parece que vamos ter de te ensinar umas coisinhas...

Sacha não lhe conseguia ver bem o rosto, porque começava a ser de noite, e a janela alta e gradeada não deixava passar muita luz. Mas sentiu-lhe o olhar frio e, pela primeira vez, teve medo.

Antes que pudesse argumentar fosse o que fosse, sentiu a manta infecta cobrir-lhe a cabeça. Braços poderosos imobilizaram-no totalmente. Numa fracção de segundo, apareceram, à luz pálida do entardecer prisional, as meias, cheias de barras de sabão, e as matracas, feitas às escondidas nas oficinas. E os primeiros golpes começaram a cair. Os seus gritos abafados não saíram daquelas quatro paredes, e, se saíssem, ninguém o viria ajudar. O Zé Rapa fizera bem o seu trabalho, e mesmo os guardas fingiriam nada ouvir. Sempre fora assim e sempre assim seria. Quem se mete com criança ou mata a mãe, paga; não pela Lei de Fora, demasiado indulgente aos olhos dos reclusos (excepto no seu próprio caso, claro: sempre injusta e pesada), mas pela Lei de Dentro. A verdadeira.

Estavam eles nisto e Sacha convencido de que não se sairia dali sem alguma coisa partida, quando entrou o Sr. Vital.

Num sítio em que toda a gente se tratava por tu, unida na mesma decadência, ele era o único que guardava o título. Todos lhe chamavam Sr. Vital, e os que de vez em quando se esqueciam acabavam na enfermaria, sem que ninguém soubesse porquê, nem como. Por razões de segurança, todos acharam melhor obedecer às suas ordens curtas, lançadas de uma voz mansa e por isso mesmo perigosa.

– Deixem-no.

– Mas, Sr. Vital, este filho da puta... (já lá iam três, pensou, por debaixo da manta e a sangrar do nariz, Sacha).

– Fora! – A sua voz tomara uma entoação perigosa, e os rufiões, um após outro, foram saindo. Apaziguado, o homem acrescentou: – Eu depois já conto porque é que vocês, que são umas bestas, iam fazer merda, como de costume.

– Sim, Sr. Vital.

– Boa tarde, Sr. Vital – concluiu ridiculamente o Zé Rapa, rezando para que não se tratasse de nenhum amigo do outro. Não queria ser o próximo a aparecer na enfermaria todo retalhado.

Sacha permaneceu ainda um pouco debaixo dos cobertores. Só quando sentiu o líquido viscoso começar a encharcar-lhe as mãos é que os afastou, divisando a custo o homem que tinha diante de si.

– Obrigado... – A sua voz estava rouca e a respiração ofegante.

O outro fez um gesto de desprendimento.

– Estavam enganados – disse na sua voz quase imperceptível.

Sacha teve de fazer um esforço para o compreender.

– Eles não sabem que você é o homem da Pornografia Maternal. Confundiram tudo.

– O senhor conhece os meus filmes?

O senhor Vital acenou afirmativamente, enquanto acendia um cigarro que extraíra da sua cigareira de ouro. Sacha, que ainda não o conhecia, perguntou a si próprio como podia o homem manter tais objectos no meio de tantos ladrões. Mas Sacha acabava de chegar e não sabia que na cadeia não há ladrões. Apenas Fortes e Fracos. E uma terceira categoria à qual ele estava prestes a pertencer: os Protegidos.

A luz sumira-se quase completamente, e o homem, de um gesto maquinal, ligou o interruptor sujo, na parede. Uma luz crua obrigou Sacha a fechar momentaneamente os olhos.

– É melhor ir lavar esse nariz ou os guardas podem pensar que lhe tentaram bater – disse, irónico. – E acredite que eles não querem saber disso. Se vai ficar aqui algum tempo, é melhor começar a perceber esse tipo de coisas.

Sacha lavou-se o melhor que pôde e olhou-se ao espelho, descobrindo um nariz que começava a inchar. Mas o que lhe doía mais eram as costas, onde a maior parte dos golpes o tinham atingido. No dia seguinte ia ser pior.

– O meu favorito é *Rosa, Minha Mãe Rosa*. Quando eu era pequeno, costumava deitar a cabeça no colo da minha mãe, daquela maneira. No Verão, quando fazia muito calor, ela sentava-se numa cadeira baixa de buinho e arregaçava as saias, para trás, como se se tratasse de uma camisa. Eu metia-me entre as pernas dela e ficava assim, a minha cabeça contra a roupa interior. – «As cuecas», pensou Sacha, que achava incrível como os admiradores dos seus filmes tinham ainda um resto de pudor

em descrever a *lingerie* das mães. – Era como se pudesse entrar outra vez. Era quentinho. Ficávamos assim, muitas horas. Ou, pelo menos, assim me parecia.

O cigarro consumira-se sem que ele lhe tivesse quase tocado. A cela enchera-se de um fumo branco de cigarro estrangeiro.

– Depois fiquei grande. E o meu pai, que nunca gostou daquele nosso jogo, começou a afastar-me com chapadões na cara. Eu chorava durante horas. Não por causa da pancada, mas a ver se a minha mãe me chamava outra vez para o regaço...

Não contou como o ódio foi crescendo nele. Nem como, uma noite, aos sete anos, tinha ouvido a mãe gritar, por mor das pancadas que levava. E como se levantou, candeeiro a petróleo, aceso, na mão: antes que o homem, de joelhos para melhor espancar a esposa, pudesse reagir, os vidros da chaminé cortaram-lhe a cara, e o petróleo a arder comeu-lhe os olhos e roeu-lhe o peito, atingindo-lhe meia dúzia de órgãos vitais. Mãe e filho, abraçados, viram-no consumir-se aos gritos, cada vez mais negro e disforme. Agradecidos por a casa ser longe das outras, amarraram-lhe um saco de pedras aos pés e mandaram-no para dentro do poço. Só descansaram quando o jovem Vital mandou tapar de pedras o buraco infecto, inutilizado pela chegada da água canalizada. A quem perguntava pelo pai, mandavam dizer que se tinha pisgado com uma galdéria e que nunca mais dera notícias.

Se Sacha soubesse tudo isto, talvez se tivesse sentido assustado por estar ali sentado com ele. Mas, como nunca veio a descobrir esta verdade, só pôde sentir alívio ao ouvi-lo dizer:

– Os seus filmes são porcos, e a minha primeira reacção foi mandar dar-lhe uma carga de porrada. Mas, à medida que

o tempo passava e eu ia pensando neles, percebia o que queria dizer. Compreendi que estava a falar do que eu não podia falar; a pôr, à sua maneira, o nosso coração a nu. E isso é bonito.

Deu-lhe uma palmada no ombro.

– Não tenha medo, amigo. Aqui dentro ninguém lhe fará mal.

Foi nessa altura que Sacha ouviu uma voz consoladora que lhe vinha de dentro. E soube que o Professor velava por ele.